

O jogo político na arena midiática: uma análise do enquadramento noticioso na cobertura das manifestações de Março de 2015

Alisson GUTEMBERG¹
Zulenilton Sobreira LEAL²

Resumo

Temos presenciado um alto número de notícias que agendadas de forma sistemática parecem nos oferecer um panorama da atual situação política do Brasil. Porém, é preciso observar que, na construção das notícias, segundo Charaudeau (2012), não existe abordagem do real empírico que não passe pelo crivo de um ponto de vista. E, por isso, os discursos midiáticos acabam construindo “realidades” orquestradas por interesses sociopolíticos. Desta forma, nosso objetivo é analisar quatro matérias – uma de cada veículo: G1, Folha de São Paulo, Pragmatismo Político e Carta Capital – sobre as manifestações do último dia quinze de Março. Nosso intuito é identificar os enquadramentos centrais que norteiam o trabalho jornalístico, para tanto, utilizaremos os conceitos propostos por Mauro Porto (2004).

Palavras-chave: Construção das notícias. Manifestações. Enquadramento.

Résumé

Ces derniers jours, nous avons vu un grand nombre de nouvelles que prévu semble systématiquement à nous d'offrir un aperçu de la situation politique actuelle du Brésil. Toutefois, il convient de noter que, dans la construction de nouvelles, selon Charaudeau (2012), il ne est pas réelle approche empirique qui ne passe pas à travers le tamis d'un point de vue. Et les discours médiatiques finissent construction «réalités» orchestrées par des intérêts socio-politiques. Ainsi, notre objectif est d'analyser quatre sujets - une sur chaque véhicule :. G1, Folha de São Paulo, le pragmatisme politique et Carta Capital - les manifestations de 15 dernières Mars Notre objectif est d'identifier les cadres de base qui guident travail journalistique, donc, nous allons utiliser les concepts proposés par Mauro Porto (2004).

Mots-clés: construction de nouvelles. Manifestations. Cadre.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. E-mail: alissongutemberg.jornalista@gmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. E-mail: niltonredacao@gmail.com

Introdução

Uma onda de insatisfação parece emergir dentro do território nacional. Manifestações, com uma certa constante, estão ocorrendo de norte a sul do Brasil. Porém uma, a do último quinze de Março, chamou atenção por seu caráter nacional: todas as capitais do país e mais o Distrito Federal tiveram protestos que, sobre a égide de uma luta contra a corrupção, visava atacar a Presidente Dilma Rousseff (PT). A construção discursiva, dentro desta perspectiva, envolve, quase sempre, diversas versões para um mesmo fato, como pudemos observar já na definição da quantidade de manifestantes que foram as ruas na cidade de São Paulo, por exemplo. De acordo com a cobertura televisiva da Rede Globo um milhão de pessoas se concentraram na Avenida Paulista, já, segundo o Instituto Datafolha, os números, para o mesmo espaço, não passaram dos trezentos mil.

De acordo com Charaudeau (2012), o universo da informação midiática é efetivamente construído e, desta forma, a mídia impõe um recorte do mundo previamente articulado, porém por meio de um mascaramento: a visão mostrada aparece como se fosse natural. Ainda no entender do autor, o acontecimento midiático é construído segundo três critérios, que são: atualidade, expectativa e sociabilidade. Com relação à primeira, a informação midiática deve se preocupar com o que ocorre numa temporalidade curta; a segunda refere-se à ideia de que a informação midiática deve captar o interesse e a atenção do sujeito, por isso tem que sanar suas expectativas; e, por fim, a sociabilidade é importante, pois a informação midiática deve tratar daquilo que surge na esfera pública.

Pegando como referencial o pensamento de Charaudeau sobre a construção do acontecimento midiático, destacamos um ponto, justamente, o aspecto da sociabilidade. Partindo do princípio de que a mídia deve tratar sobre as pautas surgidas na esfera pública, estabelecemos um paralelo com as coberturas aqui analisadas e, ainda em comum acordo com o pensamento do autor, observamos que, apesar de tratarem sobre o mesmo tema e apresentarem as mesmas justificativas dentro dos critérios de noticiabilidade, como relevância, por exemplo, que segundo Tranquina (2005, p. 81), é “a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país”,

as matérias analisadas apresentam visões e abordagens distintas em relação às manifestações aqui abordadas.

No entender de Genro Filho (apud CARVALHO, 2012) as notícias dão conta, em um primeiro viés, da singularidade dos acontecimentos narrados. Para o autor, é importante ter em mente que a prática jornalística não atribui conhecimento como, por exemplo, a sociologia, a filosofia ou, até mesmo, a ciência. Mas trata-se, sem dúvida, apesar de menos densa, de uma perspectiva importante: atualiza de forma permanente sobre os aspectos culturais, políticos, econômicos etc., do espaço social. Para tanto, utiliza-se de mecanismos de narrativas, configurando-se, assim, como uma ferramenta de alto poder simbólico e, que, por meio de discursos, estabelece significados dentro dos espaços sociais.

Com relação às narrativas, segundo Metz (apud GAUDREULT; JOST, 2009), cinco critérios nos levam a reconhecer qualquer uma: todas trazem um começo e um fim; apresentam uma sequência com duas temporalidades (a da coisa narrada e a da narração ela mesma); toda narrativa é obrigatoriamente um discurso; a consciência de que se trata de uma narrativa “desrealiza” a coisa narrada; e, finalmente, a narrativa é constituída de uma sequência de acontecimentos. Dentro dos critérios propostos por Metz, nos interessa aqui a ideia de que toda narrativa é um discurso: podemos criar um paralelo entre a construção da notícia, dentro da esfera jornalística, e os conceitos definidos por Orlandi (2001) onde, no entender da autora, alguns aspectos assumem papel importante na produção de sentido por meio do discurso, como, por exemplo, memória e ideologia.

Sendo assim buscaremos, dentro do nosso trabalho, analisar os discursos construídos acerca das manifestações que ocorreram no Brasil no último quinze de Março. Nosso objetivo é buscar compreender de que forma as notícias são construídas e como aspectos ideológicos, políticos, culturais e, até mesmo, a memória, podem ser identificados em cada recorte noticioso. Para tanto, como já foi dito, escolhemos quatro matérias, uma de cada site: G1, Folha de São Paulo, Pragmatismo Político e Carta Capital, onde, por meio dos conceitos de enquadramento definidos por Porto (2004), tentaremos construir um breve panorama sobre o fazer jornalístico e sua, consequente, construção do “real”.

1 A cobertura midiática e a construção das notícias

O quadro de construção e produção de sentido difundido pela veiculação das notícias jornalísticas, traz a tona ângulos e enfoques que sugerem uma variante de interpretações e, além disso, nos dão conta do grau de complexidade na construção dos relatos, que obedecendo à lógicas estruturais norteiam à audiência. Nesse contexto, de acordo, com Vizeu (2003), por exemplo, está a teoria do *newsmaking* que diz que a mensagem é um produto socialmente construído, o que estimula a perceber dentro desse quadro formas de compreender melhor a construção das notícias e a centralidade dos seus enquadramentos.

Ainda de acordo com Vizeu, as investigações voltadas para os estudos do jornalismo pretendem compreender melhor a lógica presente na elaboração e divulgação das notícias, além de observar, também, os aspectos acerca de sua penetração na formação coletiva e individual de cada cidadão. Dentro desta perspectiva, estão os estudos que versam sobre a hipótese do *agenda-setting* e a teoria do *newsmaking*. A teoria do *newsmaking*, mais uma vez, por exemplo, afirma que os jornalistas têm muito mais influência na produção das notícias do que uma possível ideia de manipulação da imprensa e, versa ainda, que durante o processo de produção das notícias acontece de tudo, até mesmo constrangimentos organizacionais. É dentro dessa máquina midiática, como se refere Charaudeau (2012), que se voltam os interesses individuais e corporativos na elaboração dos conteúdos jornalísticos, de forma a produzir determinados enquadramentos. Vale destacar, como maneira de organizar nossa proposta metodológica que, dentre as várias formas de enquadramentos existentes, optamos por estudar o enquadramento noticioso, onde os padrões de apresentação, seleção e ênfase, são utilizados por jornalistas para organizar seus relatos (PORTO, 2004).

Pelo exposto, em seguida, iremos retratar sobre cada uma das matérias que nos propomos analisar. Nosso intuito é observar de que forma são formulados os discursos midiáticos e como o enquadramento exerce influência dentro de cada recorte estabelecido. No entanto vale ressaltar que, dentro deste trabalho, nosso intuito não é

estabelecer posições e nem opiniões políticas, mas, apenas, investigar como fatores externos se materializam dentro de cada visão do “real”.

- **G1 e a cobertura do protesto**

A matéria veiculada no site G1 no último quinze de Março, dia das manifestações, que tem o título: *Manifestantes protestam contra Dilma em todos os estados, DF e exterior*, traz uma ideia de indignação generalizada por parte da população brasileira - por exemplo, para termos uma ideia, quando afirma que mais de dois milhões de pessoas estiveram nos atos de ao menos cento e sessenta cidades - contra as denúncias de corrupção no governo da presidente Dilma Rousseff.

Como forma de chamar atenção para algumas situações o texto destaca algumas frases e palavras, um exemplo está na parte onde aparece o termo cidades do exterior, o que revela a intenção da matéria em evidenciar o grau de mobilização que a manifestação atinge. Podemos citar, ainda, que, como forma de demonstrar a segurança do movimento a matéria evidencia, por diversas vezes, que um tom pacífico tomou conta das ruas, para tanto, o mesmo recurso – de destacar trechos do texto - é utilizado. O texto, também, faz uma associação direta da Presidente com os atos de corrupção. E, por fim, oferece um panorama das reivindicações em todas as capitais brasileiras, apresentando números e fotografias de cada ato em todas as regiões.

- **Pragmatismo Político e as imagens das manifestações**

A matéria veiculada no site Pragmatismo Político no último quinze de Março, dia das manifestações, com o título: *Imagens constrangedoras de domingo*, apresenta um discurso desfavorável às manifestações. O discurso exposto deixa claro o posicionamento político e ideológico, acerca dos atos, do veículo citado. Ao todo, foram exibidas treze imagens, consideradas constrangedoras, pela linha editorial, e que visam desestabilizar as manifestações e, até mesmo, constranger os discursos e ideias dos manifestantes.

Ainda com relação à matéria um ponto chama nossa atenção, que é, justamente, a evocação do discurso, por parte dos manifestantes, em defesa de um Golpe Militar.

Vale destacar que o veículo analisado se posiciona, claramente, contra esta ideia. Na parte textual, por exemplo, que não é muito grande – composta por nove linhas – boa parte do sentido estabelecido figura dentro deste escopo. Dentre as nove linhas que compõem o texto, sete trazem para o centro o termo Ditadura Militar. A matéria, em si, informa, de maneira breve, sobre as pautas gerais das manifestações, duas linhas, e entra na questão do Golpe, trazendo, inclusive, a opinião – contrária à ideia de Ditadura - de Renato Janine Ribeiro, Professor de Ética e Filosofia Política da USP.

Com relação às imagens, elemento central na produção de sentido dentro da matéria analisada, como já foi dito, ao todo foram veiculadas treze fotografias e todas apresentam momentos, principalmente, de indivíduos segurando cartazes, faixas, durante as manifestações. De todas as imagens, oito delas são de pessoas segurando faixas, cartazes, em defesa da Ditadura Militar, as outras cinco alternam entre críticas a Presidente Dilma, críticas à corrupção e, até mesmo, ao Presidente Lula e ao Partido dos Trabalhadores.

- **Folha dá voz a Marta Suplicy em crítica ao governo petista**

A matéria do site Folha de São Paulo utiliza a fonte como recurso “retórico” para estabelecer o discurso que permeia toda a matéria e, mostra assim, o enquadramento do veículo diante das manifestações do dia quinze de Março. Com o título: *Marta comemora protestos contra um governo sem rumo e isolado*, o veículo revela o pensamento da Senadora que pertence ao Partido dos Trabalhadores, perpassando um discurso de que até quem é do PT não dá apoio as “irregularidades” expostas pela mídia.

A Folha utiliza-se de um texto postado numa rede social para construir a matéria. O texto da Senadora, veiculado no site, demonstra insatisfação com os rumos do Governo Federal e oferece uma crítica aos recursos apresentados, até agora, pelo PT para se proteger das acusações de corrupção. Marta, ainda, classifica a entrevista coletiva dos Ministros José Eduardo Cardozo (Justiça) e Miguel Rosseto (Secretaria Geral da Presidência) como “ mais do mesmo”. No final, a Folha expõe na íntegra os textos, da Senadora, postados na rede social, uma forma encontrada pelo veículo para garantir sua “imparcialidade”, obedecendo aos critérios jornalísticos. Desta forma, a

Folha pretende deixar claro que está “apenas” relatando os fatos existentes, sem o viés da intenção de se opor ao governo do PT.

- **Carta Capital e o resgate da memória**

A matéria veiculada no site Carta Capital no último quinze de Março, dia das manifestações, com o título: *Nos 30 anos do fim do regime militar, atos querem derrubar o governo*, adota um discurso em defesa da democracia e traz ao cerne do debate a defesa, por parte dos manifestantes, por uma intervenção militar. O discurso de Carta Capital apela para memória com o intuito de aguçar o “real”, construção, interpretação que os homens atribuem à realidade (LAPLATINE; TRINDADE, 1996), acerca do período militar.

De acordo com a matéria, os atos foram convocados por diversos grupos: Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre e Revoltados Online, entre outros; e as mobilizações foram feitas através de redes sociais como *Facebook e WhatsApp*. O texto enfatiza, ainda, o apoio, com relação aos atos de manifestação, dos partidos PSDB e DEM, porém afirma que o PSDB apoia o protesto sem referendar os pedidos de *impeachment*.

2 O enquadramento noticioso e o estudo de Mauro Porto:

Mesmo tendo ganhado evidência dentro dos estudos de comunicação, segundo Porto (2004), ainda existe uma falta de clareza nos usos diversos do conceito de enquadramento. “Ainda não existe, portanto, uma definição consensual sobre o que sejam os enquadramentos da mídia” (2004, p. 77), no entanto, podemos observar alguns aspectos, amparados, ainda, por Porto, relacionados com a teoria mencionada. O uso sistemático do conceito de enquadramento para análise de fenômenos sociais oferece como fonte importante o livro *Frame analysis* do sociólogo Erving Goffman (PORTO, 2004). Goffman define enquadramento como os princípios de organização que governam os eventos sociais e, além disso, o nosso envolvimento nestes eventos. No contexto comunicacional a aplicação do conceito ganhou notoriedade, ainda no entender de Porto, com o livro *Making news*, da socióloga Gaye Tuchman, passando depois por

outros estudiosos até encontrar a definição e sistematização de Robert Entman (1994), onde o conceito de enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência.

O enquadramento noticioso funciona como um resultado de vários aspectos que definem as visões e percepções do cotidiano. Ele se dá na forma como um determinado repórter, por exemplo, enquadra manifestações e eventos que a depender do “seu olhar” produzem sentidos diferentes. Os enquadramentos da mídia se configuram como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira” (GLITLIN apud PORTO, 2004, p. 80). Sendo assim, o enquadramento noticioso é um importante elemento para estudos dos fenômenos de comunicação e jornalismo, constituindo-se como um conceito que pode nos ajudar a entender como as notícias são construídas.

Segundo Entman (apud PORTO, 2004), enquadrar envolve a seleção de alguns aspectos referentes a uma realidade percebida, com o intuito de fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema e uma recomendação para tratar o item descrito. Definição que, para Porto, resume os aspectos centrais do conceito de enquadramento. Vale ressaltar, em nosso estudo, focamos nos aspectos relacionados com o enquadramento noticioso que, afirma Porto, são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas e “este seria o “ângulo da notícia”, o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros” (2004, p. 91)

Podemos ainda, amparados por Porto, definir que uma das características primordiais, dentro dos conceitos que envolvem os enquadramentos noticiosos, é, justamente, o fato de que os enquadramentos são resultados de escolhas, engendradas por jornalistas, quanto ao formato das matérias e que influenciam na ênfase seletiva, na medida em que estabelecem recortes que priorizam determinados aspectos de uma realidade abordada: os enquadramentos noticiosos diferenciam-se de outros enquadramentos por serem elaborados, justamente, de forma exclusiva, por jornalistas. Diferente, por exemplo, do interpretativo que são constituídos por atores políticos e sociais.

Neste contexto, apontamos, ainda, outros fatores que influenciam na construção social das notícias, como coloca Hall (1999) e, conseqüentemente, estabelecem

influências dentro dos enquadramentos escolhidos, a saber: fatores sócio culturais, rotinas da profissão, fatores políticos, linha editorial e fatores estruturais, entre outros. Estes são alguns dos pontos que participam diretamente do “criar jornalístico” e agem como condutores de estilos dentro dos textos e imagens do produto midiático. E, desta forma, “a mídia contribui para privilegiar determinadas interpretações hegemônicas da realidade” (2004, p. 97).

Conclusão

Partindo do pressuposto que as estruturas sociais se refletem nas produções discursivas e, conseqüentemente, ajudam a produzir sentidos, é importante fazer uma contextualização histórica dos veículos e suas produções aqui analisadas como forma de nos situarmos e, com isso, interpretarmos como as narrativas jornalísticas foram construídas e enquadradas: a depender do ângulo estabelecido alguns aspectos são abordados em detrimento de outros . Por meio de uma análise das quatro matérias observadas, percebemos que existe uma diacronia quanto ao enquadramento adotado para representar e estabelecer discurso acerca das manifestações do último quinze de Março. Na verdade, podemos separar os conteúdos, levando em consideração o teor temático estabelecido, em dois grupos, a saber: G1 e Folha de São Paulo parecem favoráveis às manifestações; já Pragmatismo Político e Carta Capital refutam a ideia do ato.

Dito isso, buscaremos entender o processo de construção dos discursos na tentativa de postular determinados pontos que podem influenciar na construção do ponto de vista dos veículos citados. Como coloca Orlandi (2001), alguns aspectos assumem papel importante na produção de sentido por meio do discurso. E, como exemplo, podemos citar condições de produção, memória, ideologia e concepção de sujeito. Com relação às condições de produção, esta aparece relacionada com os contextos sócio-histórico e ideológico. Já a memória, por sua vez, é tratada como interdiscurso. A ideologia está presente na composição do sentido e na construção do próprio sujeito: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e assim se produz o dizer. E, por fim, a concepção de sujeito, pois dentro da AD o sujeito não será concebido como um ser totalmente livre, uma vez que, seu discurso sempre será

influenciado por discursos de outros, e, a partir desses outros discursos o sujeito constituirá sua identidade.

Sendo assim, tendo como gancho dois pontos postulados por Orlandi, justamente, a ideia de que a construção do discurso envolve memória e ideologia, procuraremos estabelecer relações entre os aspectos citados e a construção dos enquadramentos das matérias observadas. Vale lembrar que “enquadramentos são princípios de seleção, ênfase e apresentação compostos de pequenas teorias tácitas sobre o que existe, o que acontece e o que é importante” (GITLIN apud LEAL, 2009, p. 4), na verdade, é o olhar seletivo acerca dos fatos, trata-se de uma seleção do “real”, para o mesmo assunto, diante das várias versões possíveis.

Com relação à análise dos discursos construídos, primeiramente, vamos observar os sites G1 e Folha de São Paulo. Amparados pelos conceitos de Orlandi iremos utilizar da memória para postular sobre os meios citados e sobre as posturas adotadas perante o fato analisado. Para tanto, pegamos emprestada uma concepção de Habermas (2000), onde ele diz que é na compreensão de memória histórica que se reside o sentido da identidade. E estas são discursos construídos com o intuito definir e/ou representar.

Quando alguém nos pergunta quem somos, imediatamente começamos a montar um discurso, uma narrativa sobre nós mesmos. Essas narrativas comunicam aquilo que somos. Ou, como veremos, comunicam uma representação de nós mesmos. A criação desses discursos de identidade depende de vários fatores, a começar pela memória – sem ela não há tramas narrativas, não há discurso sobre o presente. As narrativas do passado, com a participação da memória, se relacionam com as possibilidades do presente para formar um discurso (MARTINO, 2010, p. 11)

Como coloca Martino a identidade está atrelada com o pessoal, na medida em que ela se relaciona com a ideia de quem nós pensamos que somos: entre as várias situações possíveis fazemos uma seleção e escolhemos alguns aspectos, em detrimento de outros, para contar nossa história e construir, assim, uma representação. No entanto, o processo de construção da identidade também envolve a forma como enxergamos o outro, e para ambos os casos, a memória assume papel basilar. Desta forma, podemos traçar um breve perfil identitário do G1 – pertencente ao grupo Globo de Comunicação – e a Folha de São Paulo, tendo como ponto referencial a memória.

De acordo com Flavia Brioli (2009), tanto o grupo Globo, quanto a Folha de São Paulo, beneficiaram-se com a Ditadura Militar brasileira: a ideia de que o Golpe Militar “traria ganhos para algumas empresas e empresários de comunicação confirmou-se ao longo do regime (os casos da Rede Globo e do Jornal Folha de São Paulo são os mais conhecidos) (BRIOLI, 2009, p. 277). Desta forma, podemos perceber que a Folha de São Paulo e a Rede Globo - como coloca o documentário *Muito Além do Cidadão Kane* - estão relacionadas com setores reacionários e conservadores da sociedade brasileira. E, por meio da memória, a identidade dos veículos citados está imbricada com os fatos pró-ditadura, o que, muitas vezes, aparece como ponto negativo.

Visto que a Rede Globo e a Folha de São Paulo estabelecem uma relação com a direita e já se beneficiaram, historicamente, graças ao posicionamento político, como coloca Orlandi, percebemos que o discurso aparece atrelado da ideologia e, assim, compreendemos o posicionamento dos veículos citados, a partir do enquadramento noticioso adotado nas matérias analisadas, como uma possível defesa dos atos *pró-impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Partido que, historicamente, se posiciona como esquerda e que defende pautas pertencentes aos setores trabalhistas. Para tanto, as matérias citadas não deram destaque a fato de que, entre os manifestantes, grupos que defendiam uma intervenção militar.

Já os sites Carta Capital e Pragmatismo Político remeteram, nas matérias analisadas, um retorno ao passado, mas, precisamente, aos tempos da Ditadura Militar. Articulado o discurso e recorrendo a memória, tanto Pragmatismo Político, como Carta Capital, deixam claras as suas posições políticas e ideológicas, haja vista, que, existe uma representação ruim em torno do período militar, estabelecida a partir de uma relação com o “real” (LAPLATINE; TRINDADE, 1996) e com as informações construídas e acumuladas acerca do fato citado.

Dentro dos atos analisados alguns segmentos exaltaram a volta dos militares ao poder e, desta forma, os dois veículos buscaram uma reflexão tendo como ponto a memória e um apelo ao imaginário coletivo, por meio de uma associação entre as manifestações do dia quinze de Março com a História recente do Brasil. As ideias e representações, difundidas em Carta e Pragmatismo, sempre procuraram realçar uma posição que refuta a ideia de golpe e, desta forma, ambos os veículos se posicionaram ideologicamente contrários a certos segmentos conservadores. Diferentemente de Folha

e Globo – que tornaram-se grandes impérios do mercado midiático - Carta Capital e Pragmatismo Político não se beneficiaram com a ditadura.

Por fim, vale destacar que, com este levantamento, pretendemos contribuir com as reflexões do campo jornalístico de forma a perceber como é construído este lugar de conhecimento, como coloca Meditsch (1997), pois, segundo Balsey (apud MARTINO, 2010, p. 139), a linguagem não é transparente: ela oferece a possibilidade de construir um mundo de coisas e indivíduos. A transparência da linguagem é uma ilusão. E a escolha do enquadramento adotado por Folha, G1, Carta e Pragmatismo, não é coincidência, trata-se de opções políticas e, aqui, tentamos, através da memória, investigar os motivos inerentes a cada situação.

Referências

BRIOLI, Flávia. **Representações do golpe de 1964 e da ditadura na mídia:** sentidos e silenciamentos na atribuição de papéis à imprensa. Belo Horizonte: Varia História, Jan/Jul, 2009. p. 269-291.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur.** São Paulo: Revista Matrizes, Jul/Dez, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2012.

GAUDREAU, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica.** Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2009.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade:** doze lições. São Paulo, Marins Fontes, 2000.

HALL, Stuart et AL. A produção social das notícias. In: Traquina, Nelson, **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega Edi-toria, 1999

IMAGENS constrangedoras das manifestações de domingo. **Pragmatismo Político,** São Paulo, 15 Mar. 2015. Disponível em: <http://migre.me/peA6Q>

Acessado < 20 Mar. 2015 >

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Análise de enquadramento noticioso: o Jornal Nacional e a representação dos atores envolvidos no caso do morro da previdência. in: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Curitiba. **Anais.** Curitiba: Intercom, 2009. p. 1-14.

MANIFESTANTES protestam contra Dilma em todos os estados, DF e exterior. **G1**, São Paulo, 15 Mar. 2015. Disponível em: <http://migre.me/pezZE>

Acessado < 20 Mar. 2015 >

MARTA comemora protestos contra 'um governo sem rumo e isolado'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 Mar. 2015. Disponível em: <http://migre.me/peA3X>

Acessado < 20 Mar. 2015 >

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.

MEDISTSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. BOCC, 1997. Disponível em: <http://migre.me/pezR1>

Acessado < 29 Mar. 2015 >

NOS 30 anos do fim do regime militar, atos querem derrubar o governo. **Carta Capital**, São Paulo, 15 Mar. 2015. Disponível em: <http://migre.me/peA9s>

Acessado < 20 Mar. 2015 >

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001

PORTO, Mauro. Enquadramentos de mídia e notícia. in: Rubim, Antonio Albino (org). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: EDUFBA, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2003.